



www.nova-acropole.pt



VIAGEM INICIÁTICA
DE HIPÁTIA
NA DEMANDA DA ALMA
DOS NÚMEROS

JOSÉ CARLOS FERNÁNDEZ

ÍNDICE

PRÓLOGO	11
I. A CHAMADA DO DESTINO.....	15
II. NO TEMPLO DE SERÁPIS.....	27
III. INICIAÇÃO DE HIPÁTIA NO TEMPLO DE PHILAE.....	41
IV. HIPÁTIA NO TEMPLO DE HELIÓPOLIS.....	81
V. HIPÁTIA, DISCÍPULA DE PLUTARCO EM ATENAS	91
VI. REGRESSO A ALEXANDRIA	113
VII. UMA ESCOLA DE FILOSOFIA, UMA ESCADA PARA DEUS.....	141
VIII. DESTRUIÇÃO DO TEMPLO DE SERÁPIS	165
IX. A CHAMA DE UMA LUCERNA DESAFIA A OBSCURIDADE.....	197
X. A CIDADE DE ALEXANDRE, NOVO LAR DA FILOSOFIA	227
XI. AS CURVAS CÔNICAS E O SAQUE DE ROMA.....	255
XII. A MORTE DE HIPÁTIA	283
CRONOLOGIA	295
APÊNDICE	305

PRÓLOGO

Apaixonei-me pela personagem de Hipátia desde a minha primeira juventude, numa Escola de Filosofia semelhante em princípios, meios e fins àquela que floresceu em Alexandria há mais de mil e quinhentos anos, alentada pelos ensinamentos da filha de Theon e pelo dom da sua alma.

Passaram-se quase trinta anos e o exemplo da Filósofa é para mim, cada vez mais, uma tocha cuja luz afasta as sombras. Existe um misterioso encanto no seu nome, que em grego significa «a excelsa» e também «a última», e parece uma chamada permanente à justiça, à nobreza, à sabedoria e ao bem.

O estudo desta personagem e as vivências semelhantes àquelas que os seus discípulos narram significou para aquele que escreve estas linhas uma viagem não só pela História mas também pela galerias da alma onde permanecem, não como a sombra de uma recordação, mas com mais vida do que a própria vida, os tesouros conquistados nesta peregrinação que fazemos desde o berço até à tumba.

A sucessão de acontecimentos no Império Romano desde Constantino até à morte da filósofa alexandrina, em pouco mais de cem anos, é a queda e morte de um gigante que assombrou o mundo, que o civilizou, que o iluminou com a chama bondosa da Concórdia, do culto à Honra, do pensamento livre; com a chama bondosa da verdadeira piedade, que é o Vínculo sagrado que nos une ao coração da realidade,

com a chama bondosa do Amor e da Valentia. Filhos da Deusa da Beleza (Vénus); e filhos do Deus da Coragem e da verticalidade interior (Marte), os romanos levaram as suas águias aos confins do mundo, e com elas o direito das gentes e as suas leis, que ainda nos servem de modelo de uma sociedade justa, ordenada e racional. Não esqueçamos que o nome secreto de Roma, segredo esse que sabemos hoje por ter sido profanado, mas que poderíamos ter intuído, era AMOR, o seu anagrama. E quando, já falecida Roma, faltou a chama vivificante deste amor, o mundo precipitou-se nas sombras do fanatismo, da ignorância e das guerras intestinas de todos contra todos: cada um dos povos bárbaros contra os outros, os bárbaros contra Roma, os pagãos contra os cristãos, as diferentes seitas cristãs entre si de um modo inumano e selvagem, e mesmo dentro do Cristianismo triunfante em Niceia, de uns bispos contra outros. A Justiça e a Concórdia voltaram aos seus tronos celestes, abandonando as sombrias moradas de homens que já não se reconheciam como tal, e o ideal de «cidadãos do mundo» que o Império Romano perseguiu e chegou a realizar, em grande parte, converteu-se numa quimera, num sonho impossível.

Fundida a estátua de ouro do Valor⁽¹⁾ para comprar o direito de viver mais um dia, já sem nenhuma nobreza, o mundo romano sucumbiu aos poderes da noite e do sonho, vítimas de medos sem nome nem forma.

Hipátia significa, como dissemos, «a última», nome augural, pois foi a última grande filósofa e Iniciada do Império Romano⁽²⁾, a última esperança das Escolas Iniciáticas no Ocidente, o último resplendor místico, o último apelo à Concórdia e ao bom senso.

Elevou bem alto a chama dos Mistérios, protegendo-a dos ventos empestados de loucura, próprios da decomposição de um cadáver histórico e com ela devolveu as forças aos cansados da vida e iluminou as

1. Esta imagem não é só metafórica, os romanos, de facto, fundiram a sua estátua da Virtus, em ouro, para pagar às tropas de Alarico.

2. Se não era a última, literalmente, pois temos a filha de Plutarco o Jovem, ou seja, Asklepígena ou a Proclo, várias décadas depois, quase todos os historiadores reconhecem que ela é o símbolo do fim do mundo grego (com a sua filosofia), romano (com a sua justiça) e egípcio (com a sua ciência mística).

sendas de milhares de jovens. A Filosofia é legítima e não um mero simulacro quando ilumina os caminhos da vida, quando devolve a Esperança, quando faz sentir como irmãos a infinidade de seres vivos. Desperta na nossa alma um fogo inextinguível que nos faz saudar como irmãos, do mesmo modo que São Francisco, à Lua e ao Sol, à Água e às Estrelas, ao irmão homem e ao irmão lobo.

Afirma-se, e é certo, que aqueles que vencem são os que escrevem a história. Aquilo que é narrado neste livro pode parecer violento em relação à história que nos é mais familiar, mas remeto-me aos factos, bem conhecidos, além disso, mas pouco divulgados. Estas páginas não querem, de modo algum, despertar nenhum tipo de fantasmas ou pôr a tônica nas diferenças que geram os ódios históricos, mas tudo o contrário, buscar aquilo que nos une, mas sem ocultar os factos. Tentar penetrar no sentido dos acontecimentos, no esforço da alma humana que avança seja qual for a dificuldade, no significado dos ciclos históricos, que destroem as formas já gastas e estendem as asas do sonho e da noite sobre aqueles devem dormir... e descansar. As palavras de alguns dos protagonistas desta novela reflectem a dor e a angústia de quem foi perseguido pelas suas crenças, de muitos que já tinham perdido toda a esperança, dos desconcertados, educados numa cultura e forma de vida helénica rejeitada como algo abominável sem nenhuma justificação racional. É o tempo que muda os homens ou são estes quem transformam o tempo e a sociedade em que vivem? É difícil sabê-lo. Este é um paradoxo semelhante à pergunta sobre que nasceu primeiro, o ovo ou a galinha.

O título do livro reza *Viagem Iniciática de Hipátia: Na Demanda da Alma dos Números* porque, de facto, o autor quis aprofundar o significado que tinha para os discípulos da filósofa alexandrina a Matemática e a Geometria sagrada como meio de compreender verdades inefáveis, de viver uma realidade que é permanente, e que não só não muda, como além disso chama a alma do filósofo para o Reino da Inteligência no qual, afirmam os sábios, desaparece, como se fosse a recordação de um mau sonho, o medo à morte... e com ele todos os outros medos, pois todo o medo é, no fundo, o medo à mudança.

Agradeço a todos os que tornaram possível este livro. O legado de sabedoria é a obra ciclópica do professor Jorge Angel Livraga (1930-1991) e do Ideal Filosófico a que deu vida em pleno século XX. A inspiração, da minha Mestra, Delia Steinberg Guzmán, que foi e é, para imensos privilegiados o que deve ter sido Hipátia para os seus discípulos: um manancial inesgotável de amor, uma chamada permanente à sabedoria, um exemplo de coragem e de virtude, firme perante as dentadas venenosas de um mundo que só acredita e só luta por aquilo que o dinheiro pode comprar. Agradeço também à minha amada e companheira de vida, Carmen Morales, cuja prudência e conselhos foram valiosos, e que corrigiu os originais, embelezando a sintaxe e suprimindo numerosos erros; a Cleto Saldanha pela coordenação editorial e por um duro trabalho de tradução, revisão de textos e correcção; a Paulo Loução pelos conselhos gerais relativos à edição desta obra; a José Antunes pela sua eficaz tradução maratona; a Ana Margarida por colaborar também na tradução do texto; a Daniel Oliveira pela elaboração da capa; a Teresa Beirão, Fernanda Simões, Ricardo Martins, José Rocha e Cláudio Craveiro pela revisão dos textos; à minha discípula e amiga Isa Baptista, pelos textos hieroglíficos egípcios e pelos comentários aos mesmos, e a todos aqueles cujos nomes não menciono mas que fizeram chegar o vosso alento e força de alma no difícil processo de gestação de um livro, o primeiro, além disso, propriamente dito, deste autor.

José Carlos Fernández

I

A CHAMADA DO DESTINO

Oh Egipto, Egipto!
Entre os teus campos de papiro sopra a voz que em breve dormirá.
Nas tuas colinas de ouro não serão já vistos seus passos e os homens esquecerão a sua canção.
Quando os campos se cobrirem de sangue e de ignorância, quando a pobreza cubrir
a face de reis esquecidos e as pessoas não souberem já pronunciar o teu nome, dirão
que tu, Egipto, foste um sonho.
Dirão que falo de um sonho.
Quero adormecer neste sonho e não despertar jamais, nunca mais.

Hipátia lia atentamente e em voz alta esta antiga profecia. Semi deitada num *triclinium*, os seus cabelos dourados de adolescente caíam graciosamente sobre os seus ombros. Submergia-se no profundo significado e na mágica e melancólica evocação destas palavras, escritas nos muros internos do templo de Hathor em Denderah há mais de quinhentos anos. Seu pai, o filósofo e matemático Theon, tinha-lhe proporcionado o texto escrito em grego num papiro, triste cópia dos caracteres hieroglíficos gravados na pedra e, portanto, sagrados.

Ela não sabia porquê, mas este era um dos poemas egípcios que mais cativavam a sua imaginação; fazia-a sentir-se à beira do mar, junto às Grandes Verdes, o reino da Deusa Ísis, Senhora da vida, e as palavras eram como o leve ondular das águas, coroadas de branca espuma: mergulhavam-na num sonho, na alma do Egipto, pura, luminosa, eterna, a salvo das sombras projectadas pelo tempo, pelo egoísmo e

pela ignorância dos homens. O poema fazia-a recordar a inscrição da deusa egípcia da Sabedoria, de Neith, no seu templo de Sais: *Eu sou aquilo que foi, é e será sempre.*

De repente, um grito desesperado arrancou-a do sonho: numa das ruas que rodeavam a mansão dos seus pais, em pleno coração de Alexandria, um homem pedia ajuda, pois sobre ele tinham-se lançado outros cinco, armados com paus e pedras, que o golpeavam brutalmente até o deixarem abandonado, como um vulto de sombras e sangue estendido no empedrado. Várias pessoas chegaram para atender o moribundo e os atacantes dispersaram-se rapidamente, envoltos em hábitos escuros, sujos e gastos, que os tornavam semelhantes a parcas tenebrosas; criaturas espectrais emergindo, *contra natura*, perante a luz radiante e alegre do dia. Ao vê-los, já longe, Hipátia não pôde deixar de pensar, naquilo que os seus mestres egípcios, sacerdotes do Deus Serápis, lhe tinham ensinado: os ratos simbolizam as forças que destroem as sociedades decadentes.

Por desgraça, esta era uma das brigas e assassinatos frequentes em dias tão conturbados como os que todo o Império Romano vivia, mesmo nas longínquas e outrora tranquilas terras de Alexandria. Brigas desapiedadas entre sequazes fanáticos de uma ou outra seita dos galileus, que pareciam empenhados em pulverizar a estátua da Concórdia que, durante quase cinco séculos, tinha permitido a liberdade de crenças em todo o Mediterrâneo. Este mistério vivo, o Deus sem nome, Rei do Universo, devia agora ter nome e história pessoal, e pelas diferentes matizes desta «história» do «Logos encarnado» as massas humanas, aticadas pelos seus bispos, estavam dispostas a derramar o seu sangue e, de preferência, o dos seus inimigos. Os ventos empestados da loucura aticavam o mundo; as sombras do fanatismo e da perda dos valores eternos ameaçavam fechar as suas mandíbulas sobre ele. Todas as seitas triunfantes no Concílio de Niceia, de 325, e depois no de Constantinopla em 381, atiraram-se como cães raivosos sobre os arrianos. O insulto de heresia e a condenação oficial desta, tornavam desnecessário qualquer julgamento ou reflexão antes de se cometer o mais desapiedado dos assassinatos.

Hipátia, que tinha deixado de sentir terror por um espectáculo já

tão frequente – e isso era o mais terrível, pensava – meditava com suma tristeza no fácil que era penetrar na quinta-essência das doutrinas cristãs e nas suas toscas polêmicas com a ajuda da chave da filosofia e da doutrina do Logos Platônico, bem como com o ensinamento das encarnações da Luz Divina – Sofia, chamavam-na alguns cristãos cultos e ecléticos – em homens excelsos, quando o Plano de Evolução assim o ditava. Que diferentes são entre si a Ideia de Cristo nas Cartas de Paulo de Tarso, ou a do homem bom (Crestos) com uma missão divina, de Árrio, com as complexidades teológicas labirínticas que a própria Hipátia, mesmo ensinada pelo seu pai, não era capaz de compreender e nem sequer formular!

Ainda recordava a voz do seu pai, divertido, no dia em que quis «ensinar-lhe» as subtilezas que dividiam as seitas galileias:

— Não, Hipátia, não é que não o compreendas por seres demasiado jovem, como dizes, mas a tua mente, ao ser demasiado pura, é incapaz de aceitar fetos nascidos de mentes tão confusas. A luz nunca chega a conhecer as sombras, por mais que o eterno desejo, insaciável, destas, seja chegar a serem amadas pela luz. E quando por fim são conhecidas, as suas teias de bruma desfazem-se, como se nunca tivessem existido. Pois em verdade as ditas sombras não foram nem nunca serão... mais do que sombras.

Talvez estes mesmos galileus não sejam capazes de compreender tais absurdos, mas à força de repeti-los familiarizam-se com eles até ficarem convencidos que não existe nada mais credível. Agora podemos dizer quase a chorar o que o grande orador romano Cícero repetiu diante do Senado: «*O tempora, o mores*» («*Oh tempos, oh costumes*»).

Hipátia, recordava também o dia em que o seu pai e ela leram juntos a obra mais importante de Árrio, *Talia*. O seu pai foi comparando a obra, linha a linha, com os conhecimentos de filosofia de Platão e os ensinamentos dos sábios egípcios sobre o nascimento do universo. Que belas e profundas eram então as imagens e verosimilhanças utilizadas por Árrio, à luz da sabedoria dos seus antepassados. Como é que alguém podia interpretar literalmente – a letra que mata o espírito! – as suas palavras e confrontá-las, brutalmente, com outras leituras «letra a

letra» de textos de subtil beleza e saber, quando se liam alegórica e poeticamente.

Que semelhantes são – pensava – algumas das suas afirmações às dos símbolos egípcios. Não afirma Árrio que a Sabedoria existe devido à vontade do Deus bom? E não é esse «Deus Bom» para nós Ra, o Sol de Ideias e o criador que rege a vida e a alma? E não é Maat a sua filha, a grande sabedoria que é ordem, verdade e justiça de tudo quanto vive?

Ah, a ignorância converte-nos em bestas ferozes que empeçonham o saber antigo! – afirmou em voz alta, como que querendo exorcizar as sombras de melancolia que pesavam sobre a sua jovem cabeça.

— Hipátia! — o seu pai Theon entrou nos seus aposentos, visivelmente preocupado — Que horror! Estás bem, minha filha? Ninguém nem nada está a salvo nesta cidade que as marés do caos parecem estar decididas a inundar!

Hipátia, em pé, hierática como a estátua de um Deus, olhando por uma janela cuidada com gelosia de ferro, foi arrastada para o presente desde as profundezas em que a meditação a tinha mergulhado. Voltando a ser uma adolescente atirou-se para os braços protectores do seu pai e mestre amado.

— Oh, pai, há uma parte de mim que treme e teme, sacudida pela violência destes crimes e acontecimentos; outra que não sente compaixão e se endurece, egoísta e bestialmente; e outra, com quem tu me ensinaste a identificar-me, que permanece serena, que pensa que aquilo que estamos a viver é uma sucessão imparável de efeitos de causas anteriores; uma sucessão semelhante às imagens de um sonho mas na qual podemos ver, como se fosse um espelho, verdades profundas reflectidas... mas, no entanto, cada vez que estes fanáticos surgidos da noite e da ignorância agridem e assassinam... sinto uma angústia e um temor difuso ao qual não consigo dar forma e enfrentar. Um temor que não me paralisa, mas que preenche a minha alma com uma tristeza indefinível, como a que sentimos diante de um mau augúrio, ou diante de uma luta em que sabemos que não vamos vencer.

— Não te inquietes, minha filha! Não te inquietes Hipátia! Negras

nuvens avançam desde o horizonte, mas ainda não chegou a hora da tempestade... E quando esta chegar nada temeremos, mas na violência dos acontecimentos trataremos de fazer o melhor... e, quem sabe, talvez a nossa alma sorria no meio de um mar de dificuldades e angústias, como faz um valente e experiente capitão desafiando a tempestade.

Recorda os ensinamentos dos mestres egípcios nos seus Livros de Sabedoria, recorda Ani, que tanto leste: *«Se vais por um caminho que as tuas mãos construíram dia após dia, chegarás ao lugar em que deves estar»*.

A voz e os ensinamentos do pai acariciavam e fortaleciam a alma de Hipátia, como faziam com o seu corpo os raios do Sol e a brisa marinha entrando pela sua janela, heraldos de uma alegria do presente que desconhece as tragédias de ontem e as angústias do amanhã. E no interior, no jardim contíguo à habitação de Hipátia, o trinar dos pássaros multicoloridos parecia alheio às sombras de temores futuros ou presentes. A natureza, sábia e terna mãe, parecia selar com o seu sim perpétuo o ensinamento egípcio antes mencionado por Theon.

— É certo — continuou o sábio — que vivemos tempos de mudança, de transformação ou talvez de sonho e morte de uma civilização. Tempos de crise. Mas, no entanto, a crise, para as almas despertas, é sempre um tempo fecundo, um tempo para embandeirar os mais nobres ideais, os valores eternos. Como dizia o filósofo Heraclito, a vida é uma batalha incessante, pois todo aquele que vive fá-lo numa tensa oposição em relação à sua circunstância, que somos também nós, claro. Essa luta torna-se mais evidente nestes momentos de dificuldade; é, portanto, um tempo propício para se afirmar nos princípios da Razão Recta, do Logos ou Dever Ser. Utilizando uma imagem tão cara ao pensamento egípcio e platónico, é como se as almas despertas formassem uma pirâmide na qual batem furiosamente as águas, e a pirâmide resiste firmemente na geometria perfeita da sua forma e na tensão das suas pedras. Essa pirâmide, como diz Platão, é o símbolo da tarefa humana iluminada pela Divindade e elevando-se em triunfo ao procurar todo o justo, o verdadeiro, o belo e o bem que existe na nossa alma, na dos nossos semelhantes e na da natureza que integramos. Repito, é a chamada ancestral rumo ao Justo, ao Bom, ao Belo e à Verdade que faz e

sustenta a pirâmide; e a alma, portanto, de toda a verdadeira política, ciência, arte e religião. É, pois, o momento de nos unirmos fortemente ao melhor de nós mesmos e a todas as almas buscadoras dessa verdade e dessa justiça. Lembra-te de Plotino: a Luz do Espírito ou Inteligência une, o Fogo espiritual convoca-nos e as águas da matéria, as potências do caos dissolvem tudo e os seus remoinhos trazem a quem não se mantém nessa incessante luta interior, nessa visão da unidade mais além de todos os véus e máscaras, a que chamamos Filosofia.

—Mas — perguntou Hipátia, com uma certa tristeza — tudo o que nasce deve morrer, mesmo que nasça na beleza? Devem morrer os versos de Safo ou a ternura e a delicadeza dos poemas de Ovídio; chegará a submergir-se no esquecimento a divina filosofia de um Platão? Chegarão a morrer, como dizem a profecia do templo de Denderah e os textos herméticos, as artes e ciências do Egipto, as suas escolas de Mistérios, o coração da sua mística inviolada?

—Morre o corpo, nunca a alma, que busca novas formas nas quais continuar a sua eterna peregrinação. Recorda aquele texto em hieroglífico que lemos e comentámos há alguns dias: *O Viajante que cruza por milhões de anos é o nome de Um; e as Grandes Verdes (Águas Primordiais ou Caos) é o nome do outro: um produzindo milhões de anos em sucessão e o outro absorvendo-os para devolvê-los.*

E sim, também o Egipto morrerá. Já começou a fazê-lo desde que deixou de ser chamado com o seu velho nome de Kem, Terra-Fogo, há mais de mil anos. Mas a sua alma peregrinará, reencarnando, com e como aqueles que são os seus filhos verdadeiros. E as imagens que no Egipto têm sido forjadas e enraizadas num perfeito Ideal de Beleza e Bondade, Justiça e Verdade, todas as que se reflectiram no Espelho da Divina Harmonia da Deusa Maat, viverão para sempre, inspirando, de um modo ou outro, os «viajantes através dos milhões de anos»: são imagens talismânicas do passado cuja força espiritual atravessa as portas do presente e se projecta em direcção a um futuro quase infinito. É como uma grinalda de flores de eterna beleza e aroma. Armas mágicas para o Guerreiro Divino-que-vive-no-mais-profundo-do-Coração, mais poderosas ainda para aqueles que forjaram as referidas imagens

de eternidade, pois são, usando uma terminologia aristotélica, substanciais com a sua alma.

— Então — perguntou Hipátia — uma civilização é um ser vivo, como tu e eu, como uma árvore...?

— E como uma estrela ou uma flor — acrescentou Theon —. Nasce, cresce, deve entrar na luta pela sobrevivência do mais apto e é submetido às vicissitudes da Necessidade, Fortuna ou Némesis, como quiseres chamar-lhe. Se chega ao seu esplendor, abre-se, como um lótus ao Sol, derramando a sua mensagem de vida e beleza, e as suas sementes para se perpetuar. A flor faz isto, tu já o sabes, e já aprenderás que também é a vida e o destino das estrelas, o mistério do chamado Fogo Cósmico, sobre o qual nada posso dizer-te, pois violaria um juramento. As estrelas são como lótus no jardim infinito do céu, flores de eternidade, dada a enorme duração das suas vidas.

Muitos têm sido os nomes e imagens usadas para compreender, por analogia, o que é uma civilização: uma pirâmide, um Templo de Valores imperecíveis, uma árvore que abriga e protege a todos os que nela se abrigam, uma Flor, um Ideal encarnado. Mas eu, entre todas elas, prefiro a imagem de uma Águia Solar que desce à terra...

As palavras de Theon e o esforço para que a mente e a alma de Hipátia se elevassem num voo seguindo o seu rastro, foram acalmando pouco a pouco a sua inquietude. Assim, Hipátia desde a elevação dos temas tratados e das brisas de eternidade que nestas alturas alentam, via as preocupações da terra como imagens de um sonho fugaz e sem importância. Hipátia pensava para si que a solução de todos os problemas, a verdadeira medicina para não ficar destroçado pelos males presentes e evitar os futuros, era libertar a alma da prisão em que se encontra cativa. Libertá-la da ignorância e do erro e fazer com que se lembrasse do seu amor pelas alturas. A alma humana é, por natureza, divina, como diziam os filósofos pitagóricos. Somos Deuses Apriisionados e não animais dotados com a chama escura da astúcia. Se manchamos o nosso fogo divino, o fogo da razão celeste, o mais puro dos elementos, é por escravizá-lo aos nossos interesses mundanos e egoístas. E com as sombras desta razão celeste construímos um mundo

que se converteu numa prisão e nos escravizou. Senão, pensemos em quanto tempo utilizamos a mente para tentar compreender o significado profundo daquilo que nos rodeia e quanto é utilizado para servir os interesses pessoais e egoístas. É como se fossem duas mentes ou razões, uma que olha para o céu e o reflecte, como um espelho; a segunda dirigida para a terra, desejando projectar as suas fantasias e o seu império tirânico sobre ela. Para não falar da mente que não sabemos onde está, vagabunda, sonhadora, sem se dirigir nem para o céu nem para a terra mas para um nada que fascina e desfaz...

— Theon, Senhor, Theon! — um criado da casa acercou-se do umbral dos aposentos de Hipátia, agitado, e disse ao matemático — Chegou um mensageiro do Templo de Serápis e espera-o na entrada.

Theon despediu-se de Hipátia.

— Medita, filha minha, naquilo que conversamos hoje e liberta a tua mente de inquietudes; a melhor forma para isso é mergulhares nos teus estudos e no exame atento de ti mesma. E, claro, nas tarefas que, minuto a minuto, reclamam a tua atenção. São dois os grandes purificadores da mente e, portanto, da alma: a sabedoria e o trabalho. Não são estes os atributos da Deusa Atena, aquela que purifica servindo a tudo o que é nobre e bom, a Deusa Virgem e Guerreira? Ela, Hipátia, deve ser o teu Ideal, pois ela é a própria Sofia, a Deusa inspiradora e protectora de filósofos e idealistas, dos apaixonados pelas causas justas.

O mensageiro do templo era um jovem com cerca de dezasseis anos, a mesma idade que Hipátia. Cabelos negros, a túnica branca curta, sandálias de couro, corpo robusto e olhos verdes, fulgurantes, com luz própria. E na frente, tinha uma cinta atada da mesma cor, sobre a qual se destacava o selo do Deus Serápis.

Entregou um cilindro de couro endurecido, do qual Theon extraiu um papiro que leu atentamente. Enquanto o lia um sorriso quase imperceptível começou a desenhar-se no seu rosto austero e uma lágrima rolou pela sua face. Era um convite do Sumo-Sacerdote do Templo para que a sua filha continuasse a sua formação filosófica e discipular numa das Casas da Vida anexas ao Templo de Ísis, em Philae: uma das Escolas Iniciáticas mais importantes, para não dizer das últimas, que ainda fun-

cionava no Egípto e em todo o Império Romano. Um dos poucos, muito poucos, centros do Mundo Antigo em que Sacerdotes Iniciados protegiam o Fogo dos Mistérios, aproximando os candidatos à sua Chama transformadora e ensinando aos aspirantes disciplinas e conhecimentos legados de mestre a discípulo. Desde quando? Somente no Egípto, desde há dezenas de milhares de anos: no Egípto Vermelho, um ramo da civilização atlante, cuja queda narram os muros do templo de Karnac.

No próprio Templo de Serápis, Sacerdotes Iniciados ensinavam os jovens Aspirantes, e Hipátia tinha estudado junto a eles durante mais de sete anos. Nalgumas disciplinas, como a Ciência e a Arte de Curar, era inclusive o centro mais importante do Mediterrâneo. Sim, também em Alexandria, amparados pela sombra luminosa e benévola do Deus Serápis, se fazia obra alquímica na alma dos jovens. Mas neste Templo não se podiam dar os Graus Superiores do Conhecimento que levam à Iniciação; para isso era preciso ir a Santuários tão antigos como o Egípto: tanto que alguns deles funcionavam desde épocas anteriores à destruição de Poseidonis, há 10.500 anos. Santuários como o de Samotrácia, fundado pelos misteriosos pelagos e inúmeras vezes reconstruído.

A sombra rápida de um temor sulcou a fronte de Theon pensando que a sua filha deveria superar as Provas de ingresso no Templo e beber do cálice de uma responsabilidade – tantas vezes quase impossível de suportar – por todos os seres humanos e pela sua própria alma. E que nunca mais, mesmo que quisesse, poderia fechar os olhos ao saber e, portanto, ao dever. O cálice que o mago Apolónio de Tiana tinha chamado «de Tântalo». Cálice de felicidade e amargura ao mesmo tempo, em que uma pessoa torna suas o sofrimento e os erros de todos os seres humanos. Ao beber dele, encontrando-se frente ao Juramento, a pessoa sente-se nascer no seio de uma grande família, filhos de um Grande Pai: a Vontade universal que é o Eu interno de tudo quanto vive.

Cálice de Tântalo – pensou Theon. Que significados tão profundos encerra este nome dado pelo sábio de Tiana.

De acordo com Filostrato, quando este sábio e mago, que foi capaz de enfrentar os tiranos Nero e Domiciano, se despediu dos seus Mestres, os Adeptos da Fraternidade Iniciática nas Montanhas (da Índia?),

disse: «Vim até vós por caminhos de terra e haveis-me aberto não só o caminho do mar mas também, devido à vossa sabedoria, o dos céus. Tudo o que me haveis ensinado irei levar aos gregos e, se não bebi em vão o Copo de Tântalo, permanecerei unido a vós como se estivessem presentes», e também falou dos «Jardins de Tântalo, que rapidamente aparecem como desaparecem». Tântalo foi convidado a formar parte da assembleia dos Deuses, «roubou» ambrósia dos seus banquetes para dá-la aos homens, foi casado com uma das Pléiades e finalmente sacrificou o seu próprio filho, Pélope, ou seja a obra da sua vida, a estátua mágica do seu duplo luminoso, para servir os Deuses, que reconstruíram magicamente o corpo, substituindo o ombro esquerdo, a parte devorada por Deméter (a Mãe Natureza, ou a Terra, como Deusa) por um de marfim feito com osso de golfinho: todos estes, símbolos da Iniciação mais elevada.

O castigo de Tântalo é ter sempre perto dos lábios as Águas da Vida que acalmariam eternamente uma sede insaciável – a *epopteia* final que faz do homem um Deus para sempre – e não poder beber dela precisamente por amor aos homens, por espírito de fraternidade; pois se bebesse afastar-se-ia finalmente de todos os males do mundo, mas tão-pouco poderia auxiliá-lo. O seu castigo é também saber que este mundo é como uma miragem, um sonho e ansiar a morte que nos pode libertar de tantas ilusões e dificuldades, mas evitá-la desnecessariamente, pois ninguém deve adiantar a sua morte já que se estamos aqui é por expiação, para aprender e para ajudar os outros, para cumprir um Destino que, geralmente, desconhecemos.

Theon recordou os ensinamentos de um sábio chegado desde a Índia a Alexandria que explicava, na Biblioteca, como de acordo com as suas doutrinas – ele chamava-se a si próprio *budista* – os que chegam ao fim do caminho, antes de penetrar como um raio de luz num oceano de luz, como uma chispa na Chama Eterna, devem decidir se se afastam para sempre dos sofrimentos dos homens ou se assumem por uma eternidade uma dor que já não é a sua, por amor aos seus irmãos, para os ajudar a chegar até esta condição mais do que divina. Chamou *Nirvana* a este «lugar» de plenitude incondicionada, impossível de imaginar, e *Nirmanakayas* aos que rejeitavam «entrar» neste *Nirvana*, aos sábios

compassivos que se auto-imolavam para servir para sempre a sua *alma mater*, a Humanidade, tentando adoçar com a sua sabedoria, como as águas puras de um rio que se vertem no mar, o oceano de sofrimentos e angústias em que esta vive; sofrimentos e angústias nascidas da ignorância e do erro perpétuo do seu egoísmo.

Sim, o copo de Tântalo. Ele também tinha bebido deste cálice de amargura ainda sem ter chegado ao final do seu caminho e tremeu diante da expectativa de que a sua filha, na aparência tão jovem e frágil, se irmanasse para sempre com o sofrimento e angústias humanas ao tentar aliviá-los na medida das suas forças e sabedoria.

Tântalo era o símbolo do Grande-Sacrificado-na-Encruzilhada, aquele em cujo nome se outorga a Iniciação, e cuja estrela brilha sobre a fronte do Iniciado quando este realiza o Juramento e forma parte desta Árvore Mística, que abriga e alimenta a alma da Humanidade inteira, tanto nos tempos de bonança como nos dos desastres. Sempre, enquanto o homem for tal, se encontrará um broto desta árvore mística a crescer na fértil terra da sua alma, abrindo-se à semente divina desde o seu coração.

Recordou ter lido num texto misterioso egípcio, cujo nome e origem não podia revelar: «era no princípio um Ser Maravilhoso, chamado o “Iniciador”, e depois dele um grupo de Seres semi-humanos, semi-divinos. “Eleitos” na gênese arcaica com certos propósitos, afirma-se que neles encarnaram os mais elevados espíritos que alcançaram a sua perfeição em ciclos anteriores, para formar o viveiro de futuros Adeptos humanos, nesta terra e durante o ciclo presente. O “Ser” ao qual se acaba de fazer referência e que tem que permanecer inominável, é a Árvore da qual, em épocas subsequentes, ramificaram todos os grandes Sábios e Hierofantes historicamente conhecidos. Como homem objectivo, ele é misterioso (para aquele que está “fora do Templo”, o sempre invisível e, no entanto, sempre presente). Personagem sobre o qual abundam todo o tipo de lendas, especialmente entre os estudantes da “Ciência Sagrada”. Ele é quem muda de forma mas, no entanto, permanece sempre o mesmo. E ele é, além disso, aquele que possui a autoridade espiritual sobre todos os Adeptos iniciados que existem no mundo inteiro. Ele é o “Sem Nome” que tantos nomes possui e cujo nome e natureza são, no entanto, desconhecidos. Ele é o “Iniciador”, chamado a “Grande Vítima”. Porque, sentado nos umbrais da LUZ, contempla-a desde o Círculo de Trevas que não quer cruzar; nem

abandonará o seu posto até ao último Dia deste Ciclo de Vida. Porque permanece o Solitário Vigilante no posto por ele escolhido? Porque permanece sentado junto à Fonte da Sabedoria Primordial, na qual já não bebe, visto que nada tem para aprender que já não saiba, nem nesta terra nem nos seus Céus? Porque os solitários Peregrinos cujos pés sangram de regresso ao seu Lar, jamais se encontram seguros, até ao último momento, de não perder o seu caminho neste deserto sem limites da ilusão e da matéria, denominado a Vida Terrena. Porque quer alegre mostrar o caminho para aquela região de liberdade e de luz, da qual é um desterrado voluntário, a todos os prisioneiros que conseguiram libertar-se dos laços da carne e da ilusão. Porque, numa palavra, ele se sacrificou pela humanidade, embora somente uns poucos escolhidos poderão aproveitar-se do GRANDE SACRIFÍCIO.»

Theon saiu da meditação em que quase sem se aperceber se tinha precipitado e despediu-se de um modo cortês do mensageiro; numa semana devia acudir ao Templo com a sua filha para conversar com o Sumo-Sacerdote sobre todos os pormenores da viagem e receber cartas de apresentação e instruções para o mesmo.

O Destino tinha sido selado e Theon sabia, como matemático e filósofo, que não existe maior divindade que esta: Hipátia seria a oferenda, a semente que no Altar de Ísis, a Sabedoria, morreria como tal para se converter numa árvore frondosa. Sim, uma árvore magnífica daquelas que sujeitam firmemente a terra com as suas raízes; e que com os seus ramos, folhas e flores recolhem as bênçãos do céu, essa graça que outorga à alma humana o verdadeiro sentido da vida e sem a qual esta se converte num deserto estéril e sem caminhos. Hipátia tinha conquistado esta verdade: a Filosofia é o caminho em direcção à sabedoria e abandonando este, de áurea luz solar, o mundo e a vida nele convertem-se num labirinto do qual somente a morte, talvez, permita sair.